

SUBJETIVIDADES BATENDO UM BOLÃO NO CAMPO QUEER

Rafael Santiago de Souza

Professor de Educação Física e Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural | Departamento de Linguística, Literatura e Artes | Campus II – Universidade do Estado da Bahia (UNEB). A pesquisa é orientada pelo Professor Dr. Paulo César García. E-mail: mestradorafaelsantiago@gmail.com.

Resumo

O trabalho traça um legado histórico da organização de trabalhadores em formação por via do ME. Analisa os Cadernos de Debates da ExNEEF no que diz respeito aos discursos militantes e disputas de pautas emergentes nos Currículos de Formação. Compreender a inserção dos estudos **Queer** nas bandeiras de luta da entidade, permite-nos pensar em arrombamentos de armários, transgressões, dissidências, corpxs e sujeitxs possíveis. Normatizações continuam engendradas, reproduzindo a lógica do rendimento, fazendo jus ao projeto colonialista da biologização e da medicalização através do discurso Eugenista, Higienista, Militarista e Esportivista. Os enunciados estruturam a cis heteronormatividade, negando a diversidade de gênero e sexualidade. Apontamos caminhos que rompem com o **Cistema de Opressões** e explorações dxs corpxs.

Palavras-chave: Subjetividades; Currículo Queer; Formação de Professores em Educação Física; Movimento Estudantil; ExNEEF.

1. Apresentando a entidade

Neste estudo é traçado um legado histórico da organização de trabalhadores em formação por via do Movimento Estudantil – ME, analisando os Cadernos de Debates da Executiva Nacional de Estudantes de Educação Física – ExNEEF no que diz respeito aos discursos militantes e as disputas de pautas emergentes nos Currículos de Formação de Professores. Compreender a inserção dos estudos *Queer* nas bandeiras de luta da entidade, permite-nos pensar em arrombamentos de armários, transgressões, dissidências, corpxs¹ e sujeitxs possíveis.

Diz respeito ao silenciamento, ao interdito que se faz presente nas seguintes proposições: Por que os cursos não oferecem planos de ação para agenciar/formar sujeitxs críticos, que reflitam sobre as produções de identidades nas tecnologias sociais corpóreas? Por que xs corpxs devem ser disciplinados/regularizados/normatizados? Como proporcionar o ato de estranhar o normal, a normalidade, de questionar o padrão e os paradigmas? É possível pensar em corpxs gays, lésbicos, transgêneros, travestis, intersexos, não binários, assexuados, drag's e demais gêneros fluídos na Educação Física?!

O trabalho possui relevância ao atribuir críticas culturais, questionando os ranços históricos que ainda perduram frente às submissões atribuídas aos corpxs que devem seguir os modelos estereotipados do masculino e apontando as agressões sofridas pelos que desviarem das normas. Questionamos a (im)posição da masculinidade tóxica, que preza pela construção de corpxs fortes, viris, saudáveis, amparados pelo caráter médico-biológico da naturalização.

Somos uma legião de pessoas enlaçadas pela vontade de (trans) formar o mundo, (des)construindo tudo que está fixado como normal/natural e (re)afirmando nossas diferenças.

Um grupo que acredita que sonhos desse tipo podem se realizar sem se perder a garra, a convicção, a esperança, a sensibilidade e o prazer, no processo de estabelecer o novo. [...] O “pique” de criar e recriar, alterando os clichês – a ordem das coisas estereotipadas,

1 O uso da letra x identifica pessoas não binárias e demais identidades de gênero e sexualidades fluídas.

estabelecidas. Aqueles que lutaram, lutam e sempre lutarão por um mundo melhor (ExNEEF, 1995, p.3).

Nossas utopias são praticáveis e possíveis de serem alcançadas, por isso, nos colocamos a disposição dos enfrentamentos de toda e qualquer **opressão**, rumo à construção de uma sociedade onde sejamos “socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres” (Rosa Luxemburgo). A ExNEEF segue (re)organizando suas bases, construindo coletivamente/democraticamente e fortalecendo suas bandeiras históricas. Preocupada com a veiculação de conhecimentos sobre o cotidiano da Educação e das especificidades da área, a entidade vem contribuindo com análises críticas da conjuntura e demarcado sua territorialidade política.

Portanto, o Caderno de Debates tem significado de resistência; resistência à uma sociedade individualista, que apresenta-se cada vez mais forte em nossas vidas, não temos objetivos coletivos, vivemos em total desigualdade e a cada momento que nos omitimos acentuamos e propagamos a “Sociedade do Caos” (ExNEEF, 1996, p.6).

Almejando contribuir na construção de um novo projeto de sociedade, buscando sempre a emancipação da classe trabalhadora e a liberdade de todxs poderem viver dignamente, recortamos acúmulos históricos do Movimento Estudantil de Educação Física – MEEF somados aos de outros autores críticos-combativos, no sentido de apontar caminhos que rompem com o **Sistema de Opressões**² e explorações dxs corpxs. Pontato, buscamos falar de respeito, direitos, inclusão, representatividade, identidade, diversidade e reparação histórica. Tratamos de (des)normatizações e (des)aprisionamentos dxs corpxs no contexto dos esportes, entrando sem pedir licença nos espaços antes negados e mostrando as possibilidades dxs sujeitxs LGBTQIA+ tornarem-se tanto atletxs amadores e/ou profissionais, quanto técnicxs/treinadorxs, dirigentxs e árbitrxs.

Também refletir sobre: Por que as marcações de gênero (homem x mulher) são definidas pelas características das genitálias dxs corpxs? Como romper com esse engendramento binário, que segue à

2 Sistema Capitalista: estruturado no antagonismo de classes, no colonialismo xenofóbico, na cis heteronormatividade, na masculinidade tóxica e hegemônica do patriarcado, no racismo e no poder cristão do convencimento/hipnotismo.

lógica biologista determinando os sexos (masculino/macho e feminino/fêmea) no sentido da reprodução da espécie humana? Por que a separação entre pessoas cis e trans ainda perdura imbricada nas categorizações dos esportes hegemônicos, sejam eles nos contextos profissionais, amadores, das várzeas, das ruas e até mesmo nas aulas de Educação Física na Escola? Como vêm sendo tratadas as pessoas *Queer* e outrxs públicos das margens nos cursos de Formação de Professores em Educação Física? Os currículos agregam sujeitxs vistos como desviantes, corpxs estranhos, esquisitos, afeminados, “deficientes” e fora do padrão?

1.1. Construindo um movimento crítico-combativo

Nos países de terceiro mundo, conhecidos como países em desenvolvimento, os esportes são “produtos importados”, mercadorias altamente rentáveis para as grandes mídias e outras empresas que lucram com a venda de roupas, calçados, acessórios etc. Os veículos de comunicação influenciam nos desejos e interesse de consumo, “[...] infelizmente, este “consumo”, se vincula muito mais, e cada vez mais, a um consumo passivo, de ver e assistir a espetáculos esportivos ou de vestir camisetas de equipes” (ExNEEF, 1994, p. 16).

A “democracia representativa” idealizada pela burguesia, nada mais é que uma “falsa democracia”. Com a teoria do capital humano conhecimento e educação viraram mercadorias como outras qualquer, e as escolas/universidades tornaram-se empresas (re)produtoras dos interesses econômicos internacionais. A rede globo monopolizou os meios de comunicação e usou da “pedagogia da despolitização” e da indústria do marketing para homogeneizar a consciência das massas. Um conjunto de representações simbólicas com competências altamente sofisticadas para disciplinar, domesticar, dominar e expropriar xs corpxs.

É possível resgatar os impulsos, as paixões e os desejos de contrapor a conjuntura e buscar transformações pelo ideal de sociedade que almejamos? Como reviver a capacidade de resistência e das revoltas contra as ordens de neutralização dos MS? Na condição de trabalhadores/professores em formação, como podemos contribuir para causar rupturas nas políticas do estado democrático burguês? Essas reflexões aguçam nossas percepções e fundamentam nossas críticas. São tantas inquietudes e questões a serem levantadas, assim

como muitos desafios que estão colocados, então, não arregastes camaradxs, haveremos de vencer!

2. Espetáculos esportivos, entretenimento e seus legados

Quais legados os megaeventos esportivos³ deixaram para a sociedade brasileira? A positividade propagandeada com a vinda dos espetáculos foi cumprida? Estas “políticas públicas de esporte e lazer” objetivam a manipulação das massas por meio do entretenimento?! Na verdade, para pessoas LGBTQIA+ e outrxs públicos das margens só trouxeram/deixaram *negados*,

[...] contribuem apenas para a criação de uma falsa imagem de nação unida e desenvolvida, que na verdade não se preocupa de fato com o investimento em políticas públicas que possam realmente propiciar o acesso da população aos esportes em áreas públicas de lazer, como praças e parques (ExNEEF, 2012, p.239).

Aí escancaramos o problema e nossas críticas à mercadorização dos esportes em detrimento do seu caráter lúdico e de transformação social, mostrando que os interesses ultrapassam as “quatro linhas”, alienando a população com a lógica das políticas de “pão e circo”, tornando a maior parte da população em expectadores e consumidores dos subprodutos fetichizados das marcas da indústria desportiva. Componente expressivo da política imperialista.

“Dos megaeventos eu abro mão” queremos mais dinheiro para Saúde e Educação. Esta campanha foi lançada com o objetivo de escancarar a política de alienação do povo brasileiro, mais especificamente denunciar a relação capital-trabalho, como a classe dominante exerce ideologicamente seu poder de dominação na realização desses eventos e os desdobramentos que de maneira geral interferem no campo da Educação Física.

3 Jogos Pan-Americanos e Parapan-Americanos – ODEPA, 2007; Copa das Confederações – FIFA, 2013; Copa do Mundo de Futebol – FIFA, 2014; Olimpíada e Paraolimpíada – COI, 2016; Copa América – CONMEBOL, 2019.

2.1. Corpys não autorizados

Diariamente o cardápio do capital oferece gratuitamente **opres-sões** de todos os tipos. Impõe um binarismo de gênero que dita: quem sim e quem não; quem pode participar e quem não pode; quem vai jogar e quem vai assistir/torcer; quem vai mandar e quem vai obedecer; quem deve morrer e quem deve viver. Esses são alguns reflexos do racismo, do machismo/sexismo e do patriarcado que dão suporte as hierarquias do sistema vigente e seguem impossibilitando pessoas “desviantes das normas” de experimentarem os variados elementos que fazem parte da corporalidade humana.

X corpx é metrificado, sistematizado, quantificado e qualificado com os ideais da burguesia, não é permitido excessos. É x corpx correto, preciso, limpo, civilizado, controlado, redesenhado pelos “homens da ciência” num projeto estético rigoroso. Xs corpxs carregam marcas das culturas, portanto, Louro (2008) vai dizer que a ignorância não é neutra, ela é produzida como resíduo do conhecimento. Quais corpxs estão autorizados? Como a indústria cultural se apropria e direciona a lógica dx corpx aceito e/ou dentro dos padrões de beleza/saúde e do movimento esteticamente perfeito?

A heteronormatividade é legitimada na formação dxs sujeitxs, partindo dos discursos sobre o sexo e seus desdobramentos sociais, nutrindo-se da ideia que todo/a ser humano/a deve recair sobre duas categorias distintas, mas complementares: macho e fêmea e que naturalmente as relações sexuais devem acontecer com indivíduos do sexo oposto. Como consequência aponta para a marginalidade orientações sexuais que fogem da heterossexualidade, reforçando os binarismos rígidos como masculino/feminino, heterossexual/homossexual, normal/anormal. A heteronormatividade coloca-se como sanidade para uns e serve como parâmetro de comparação e patologização para outros, “[...] uma vez que a perspectiva dos médicos acerca da transexualidade intentava estabelecer que o gênero (social) seria o espelho do sexo (bio-lógico)” (RODRIGUES; DALLAPICULA; FERREIRA, 2015, p.59). Assim, naturaliza-se a heterossexualidade (corpos-homens e corpos-mulheres).

Podemos dizer que sujeitxs LGBTQIA+ seguem não autorizados, mas dão pontapés nas portas, arrombam os armários, quebram os cadeados e estraçalham as correntes, mostrando que nós existimos e que todxs são possíveis de tornarem-se o que quiserem. Na contramão da

história é possível resistir aos valores hegemonicamente naturalizados (individualismo, machismo, racismo, competição etc.) e exercitar outros princípios (cooperação, solidariedade, respeito a diversidade, ética etc.) apontando novas formas de viver coletivamente. “Se o presente é de luta, o futuro nos pertence”.

2.2. Sujeitxs que (re)existem e ocupam

Algumxs atletxs brasileirxs enfrentaram órgãos nacionais e internacionais e romperam com essas normatividades do binarismo de gênero. Podemos citar Edinanci Silva, judoca intersexual, que passou por cirurgia antes da Olimpíada de Atlanta (1996) e possui duas medalhas de bronze no Campeonato Mundial de judô (1997 e 2003); e Érika Coimbra, proibida de jogar o Mundial Juvenil de Vôlei (1997), passou pela transição e posteriormente integrou a seleção brasileira medalha de bronze na Olimpíada de Sydney (2000)⁴.

O Comitê Olímpico Internacional – COI, modificou a resolução de competições oficiais sobre as/os/xs trans, fixando para as mulheres trans uma quantidade de testosterona que não pode ultrapassar 10 nanomol por litro e determinando a não obrigatoriedade da cirurgia de mudança de sexo. Neste sentido, o COI avança ao mesmo tempo que levanta vários questionamentos, causando inquietação no conservadorismo dos esportes de rendimento. Como acontece atualmente no caso da Tiffany Pereira de Abreu, primeira mulher trans a atuar na Super Liga Femina de Vôlei (clube: vôlei Bauru) e o técnico da seleção disse não ter problema em convocá-la, mas muitas atletas cis não concordam, inclusive “ativistas feministas”.

(Re)existindo e ocupando lugares de fala, pontuamos o futebol feminino como pioneiro nesses enfrentamentos históricos. Entre proibições, clandestinidade e resistências muitas jogadoras tornaram-se referências para demais sujeitxs colocados em marginalidade social. Mais conquistas: em 2020 Mara Stefania Gómez, tornou-se a primeira mulher trans a atuar no futebol feminino da Argentina (Clube: Villa San Carlos)⁵. Esse fato abriu precedentes para o mundo todo, como

4 Disponível <<https://veja.abril.com.br/esporte/alem-de-tiffany-outros-casos-de-diversidade-de-genero-no-esporte/>>. Acesso em: 15/04/2021

5 Disponível: <<https://claudia.abril.com.br/carreira/primeira-jogadora-trans-argentina-futebol-buenos-aires/>> Acesso em 15/04/2021.

por exemplo o caso de Sheilla Souza, primeira mulher trans a atuar no futebol feminino do Brasil (Clube: Lusaca Camaçari-Ba)⁶.

3. Formação de professores em educação física

Por que competir ao invés de cooperar? Por que é preciso disciplinar, normalizar, hierarquizar e segregar xs pessoas? São essas e outras perguntas que nos fazem indagar as ideologias que se expressam implícita e explicitamente na formação dxs sujeitxs.

A tendência neoliberal, tradicional e tecnicista dos currículos dos cursos, tem direcionado a formação profissional na perspectiva de conservação e reprodução dos ideais do **Cistema** de exploração, tornando xs sujeitxs “[...] a-políticos, a-críticos, a-históricos, ou seja, verdadeiros idiotas especializados” (ExNEEF, 1994, p. 23). De acordo com os estudos **Queer**, a formação em Educação Física fica rotulada sobre apontamentos conservadores/técnicos, sem proporcionar uma experiência plena, o conhecimento das contradições históricas, os afetos, as subjetividades e sem respeitar a diversidade sexual e de gênero.

A proposta defendida pelo MEEF, a Licenciatura Ampliada, tem como preceito a necessidade de superação do modo capitalista de produzir a vida, logo, tem como perspectiva a construção de um projeto histórico socialista como única forma de desenvolvimento real e integral das múltiplas dimensões humanas. Dentro dessa perspectiva, defendemos uma formação humana omnilateral, por compreender que os seres humanos têm naturalmente condições de desenvolver múltiplas dimensões que os constituem parte da humanidade (cultural, técnica, política, científica, etc) (ExNEEF, 2012, p.215).

Não devemos tentar reinventar a roda, apenas é preciso fazê-la girar. A Educação Física enquanto área de conhecimento e prática social precisa se debruçar no resgate da consciência e da identidade de pessoas e grupos estigmatizados, contribuindo para a emancipação

6 Disponível: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/12/20/lateral-e-1-transexual-a-jogar-no-futebol-feminino-profissional-do-brasil.htm?cmpid=copiaecola>> Acesso em 15/04/2021.

popular rumo a cidadania, vislumbrando a garantia de direitos e um processo de humanização em detrimento da (de)formação que tem acontecido. Defender as causas das minorias marginalizadas é imprescindível para nós, alimentando assim dos (des)gostos que este **Cistema** nos faz sentir e reivindicando a superação do mesmo. A história nos serve de matriz científica, sendo fonte do conhecimento sistematizado e ponto de partida para uma análise mais próxima da realidade.

3.1. (Des)naturalização curricular

Diferenças são silenciadas pelos discursos dominantes, por isso, é necessário investigar as bases epistemológicas que se apresentam nos processos de formações dxs sujeitxs dissidentes. Refletir sobre a predominância de uma grade curricular que visa potencializar a masculinidade hegemônica. Tratar sobre a naturalização dx corpx na centralidade dos discursos binários, analisando como a noção de biologia se ampara com a pauta do conservadorismo da “ideologia de gênero”, enaltecida na existência apenas do homem e da mulher.

A intensificação da delinquência pelo neoliberalismo, satisfaz o desejo de poder dos mais ricos e o sucateamento dos espaços públicos de educação, saúde e lazer legitimam a miséria que vivem xs sujeitxs das margens, sejam eles marcados pelo gênero, raça e/ou classe social. Através de procedimentos técnicos de micropoderes os discursos penetram o imaginário das pessoas criando significados e naturalizando representações, realizando controles de corpxs, disciplinando gestos e atitudes, docilizando hábitos e comportamentos.

Fantasia seduzem e iludem xs indivíduos, sequestrando seus corpxs e aprimorando-xs, adestrando-xs, utilizando-xs e mutilando-xs. Mas como quer Foucault (1979), esse poder sobre xs corpxs não dizima-xs, pelo contrário, fabrica-xs utilizando de técnicas de individualização e competição, assim como de competência pedagógica de despolitização, ou seja, manipulando seus comportamentos e produzindo x corpx/mercadoria/objeto de acordo com as exigências do funcionamento da sociedade.

Diante das construções socio-históricas dos gêneros e das sexualidades determinadas por processos culturais em detrimento da concepção de natureza-biológica, as possibilidades de expressar desejos e prazeres são determinadas, estabelecidas e codificadas, são moldadas pelas redes de poder da sociedade. Classifica xs sujeitxs

atribuindo rótulos e demarcando as fronteiras entre o centro e as margens, definindo o padrão cultural pela norma que remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão (LOURO, 2000). O absolutismo inscreve sua tradição moral através das instituições sociais, na tentativa de fixar as identidades, criando tabus sobre a expressão de sentimentos e orientando as condutas, é o bio-poder que dar base para uma sociedade disciplinar, de vigilância e controle (FOUCAULT, 1987).

Uma teia de multiplicidades de forças exercendo poderes diversificados o tempo inteiro se dar na configuração da sociedade em que vivemos, é um constante movimento dialético do devir e são as construções/desconstruções/reconstruções que caracterizam as identidades. O MEEF tem reunido esforços na intenção de viabilizar uma nova ordem social, criticando amargamente as amarras tradicionais naturalizadas, se colocando na perspectiva do debate crítico e denunciativo, e intervindo de maneira referenciada e instrumentalizada nas (des)construções curriculares, na busca pela perpetuação da emancipação humana.

3.2. Estudos queer: desconstruções e ressignificações

Discursos habitam nxs corpxs fabricando-xs e definindo-xs pelas aparências, é por isso que propomos uma teoria subversiva e crítica, para pensar o que é proibido, para estranhar o currículo, desconfiar, desconcentrar, transtornar, passar dos limites, abusar e produzir diferenças escapando dos enquadramentos. “[...] Que tal se uma pedagogia **Queer** colocasse em crise o que é conhecido e como nós chegamos a conhecer?” (LOURO, 2008 p. 65). O que a autora propõe é o atravessamento dos limites e das fronteiras, usando os próprios obstáculos como veículos para penetrá-los e superá-los.

Como um movimento que se remete ao estranho e ao excêntrico pode articular-se com a Educação, tradicionalmente o espaço da normalização e do ajustamento? Como uma teoria não-propositiva pode “falar” a um campo que vive de projetos e de programas, de intenções, objetivos e planos de ação? Qual o espaço, nesse campo usualmente voltado ao disciplinamento e à regra, para a transgressão e para a contestação? Como romper com binarismos e pensar a sexualidade, os gêneros, e os corpos de uma forma

plural, múltipla e cambiante? Como traduzir a teoria queer para a prática pedagógica? (LOURO, 2008 p. 47).

No nosso caso aqui, essa reformulação curricular perpassa por interesses de desconstrução da hegemonia masculina, seus conflitos e contradições que desembocam na lógica patriarcal de poder. Os estudos **Queer** orientam teoricamente essa disputa curricular, na busca por outra forma de produzir e reproduzir a vida na coletividade. Um currículo que preza por incentivar o desenvolvimento das capacidades humanas e concretizar sua plenitude de ser cada dia mais (ser-mais), precisa obrigatoriamente estimular a criatividade, a inteligência e a sensibilidade, que fazem parte da experimentação das subjetividades, da autonomia, da autogovernabilidade e autoafirmação dxs sujeitxs.

Criatividade como ideia de fecundar, criar/recriar, ampliar horizontes, olhares; inteligência como a faculdade de aprender, apreender, compreender, perceber, imaginar, analisar; sensibilidade como a perspectiva de vivenciarmos sentimentos de humanidade, ternura, justiça, compaixão, solidariedade (ExNEEF, 1995, p.29).

Xs corpxs que habitam à sigla LGBTQIA+ são de pessoas **Queer**, vivendo uma constante e cotidiana (des)normatização, assumindo o lugar do diferente, da diferença e da própria aceitação para afirmar o orgulho de ser o que é. São corpxs que rompem com as regras dos contratos sociais cis heteronormativos, escancarando os armários para mostrar que, de fato, não somos iguais. Somos todxs diferentes, o que deve nos igualar são os nossos direitos enquanto cidadãos, permitindo x todxs os mesmos acessos. **Queer** quer diz: excêntrico, estranho, esquisito, ridículo etc., mas é um termo ressignificado. Trata das possibilidades: de gêneros não binários, sexualidades fluídas, identidades não-fixadas etc. Trata de (des)identificação e/ou desnaturalização, de não sexualizar xs corpxs.

É preciso flagrar as raízes históricas, efervescências e resguardar as memórias. Recuperarmos fatos desprezados, reinterpretando seus significados e funções de diversos ângulos e contextos, analisando os fenômenos e seus entraves. É importante as organizações de micropolíticas de arrombamento dos armários, contribuindo para a atuação e deslocamento dxs corpxs a partir dos estudos sobre diversidade,

identidade, inclusão, equidade, política queer, performatividade de gênero e agenciamento de sujeitxs possíveis.

Para Foucault (1988) x corpx é o dispositivo pelo qual experimentamos e formulamos conceitos, assim como incorporamos valores ao produzirmo-nos socialmente. X corpx é político. Não pretendemos aqui esgotar debates transformando os dados encontrados em verdades absolutas, ou formular respostas e conceitos como algo concreto/acabado/finalizado, mas sim problematizar as inquietações das capacidades humanas, traçando caminhos para o reconhecimento e a aceitação das diferenças do “eu” e do “outro”, ou seja, buscando tendências emancipatórias, objetivando superar as opressões sociais impostas (RODRIGUES; DALLAPICULA; FERREIRA, 2015).

Toda aprendizagem é uma (des)aprendizagem, ou seja, é preciso desconstruir um conhecimento para (re)construir um “novo”, mais elaborado, “[...] a Pedagogia poderia, então, começar com o pressuposto de que as identidades são feitas e não recebidas e o trabalho do currículo consistiria em incitar identificações críticas, e não em fechá-las. Além disso, uma educação sexual socialmente relevante pode apenas oferecer mais questões” (LOURO, 2000, p.78). É preciso formar docentes mais conscientes, tendo em mente as subjetividades que emergem, enunciam diferenças, são diferentes, diversas.

Lutar pela materialização do direito à existência plena enquanto sujeitx social e não apenas como um corpx descartável. Viver outras masculinidades e feminilidades, outras corporalidades e possibilidades de transgressões. Já nos disse Paulo Freire que a pedagogia que nos toca é a que escuta, provoca e vive a difícil experiência da liberdade, uma pedagogia livre para a liberdade briga contra o autoritarismo estatal imposto nos ambientes de escolarização. “E o MEEF através de sua história tem mostrado que é possível fazer diferente, ser resistente, militar consciente e transformar o que vem pela frente” (ExNEEF, 2001, p.36). X corpx é uma arma política que se atira/atira-se no mundo.

Considerações

Vivemos em tempos de pandemias e pandemônios, envolvidos numa crise econômica-político-social mundial, que fez esse parasitário **Cistema** colapsar totalmente, escancarando suas contradições e prioridades, mostrando suas “patologias metabólicas” e precarizando

ainda mais a vida das vítimas dos **crimes sociais** naturalizados cotidianamente. Sendo assim, de maneira organizada, referenciada nas experiências dos oprimidos, nas demandas da classe trabalhadora e com vistas à emancipação dxs sujeitxs, seguiremos resistindo até superar o estado de barbárie ao qual estamos imersos.

Todas as normatizações citadas continuam engendradas na Escola e nas variadas práticas corporais nos ambientes não-formais de Educação, reproduzindo a lógica do rendimento, fazendo jus ao projeto colonialista da biologização e da medicalização através do(s) discurso(s) Eugenista(s), Higienista(s), Militarista(s) e Esportivista(s). Os enunciados modelam e estruturam a cis heteronormatividade, negando a diversidade de gênero e sexualidade. São pontos a explorar: reflexões sobre subjetividades performáticas, à (des)naturalização dxs corpxs buscando entender a fluência de identidades e os Movimentos

Sociais enquanto mediadores dos atos de resistências/(re)existências, enfrentamentos, (des)estruturação e ressignificação dos espaços. “[...] É preciso desobstruir o caminho, é preciso livrar o proletariado das correntes com as quais foi amarrado ao carro da miséria pelo deus Kapital” (ExNEEF, 1995, p.10).

Cabe à Educação Física enquanto ciência o desafio de repensar e reconstruir seus Currículos de Formações de Professores, isso porque a idealização de corpxs dóceis, viris e saudáveis fazem constituir grande parte dos conceitos que as grades operam no sentido da competitividade. Levar em consideração as diversas possibilidades de produções e agenciamentos das identidades fluídas e das dissidências sexuais, inserindo uma política **Queer** e outros saberes vistos como relevantes para uma descolonização das práticas e da performatividade de gênero (BUTLER, 2003).

O ME brasileiro carrega aspectos da cultura popular com suas perspectivas libertaria, combativa e democrática, um movimento que sempre sofreu repressão justamente por assumir papéis de protagonismo na história das lutas de classes, uma organização política que resiste e contribui significativamente com transformações sociais. Uma juventude que se encoraja e ergue-se contra as **opressões**, não aceita, indigna-se, se rebela, nega o velho e quer o novo, almeja revolucionar. “[...] Juventude que vivenciam cada vez mais ataques como a retirada de direitos, a privatização da vida e a crescente criminalização das populações negras, periféricas, indígenas, não heteronormativas

e dos movimentos sociais” (ExNEEF, 2013, p.8). É preciso instrumentalizar xs trabalhadores em formação para resistirem as mazelas do **Cistema**.

E digo mais: preconceito se combate com educação de qualidade e problematização da realidade; desigualdades de gênero se supera ressignificando o lugar dxs corpxs políticos, possíveis, diferentes e respeitados.

Temos como objetivos amplos – Conscientizar à cidadania, minimizar a situação de risco, valorizar a cultura de periferia, instrumentalizar atores e atrizes sociais, mediar o bem estar biopsicossocial, oportunizar trabalho e lazer, promover a auto estima, estimular auto sustentação e ser interlocutor entre as diferentes culturas (ExNEEF, 2000, p. 68).

Definir caminhos alternativos aos que estão postos e despertar as consciências reorganizado a classe. O conhecimento tem que ser como uma droga, nós [xs professores] somos os chefes das bocas, os traficantes. Traficantes de informação, criando mecanismos de negação a esse modelo de sociedade,

[...] com a opressão de mulheres, negros, índios, deficientes, gays, diferentes nacionalidades como ciganos e judeus, se utilizando de diferenças históricas, culturais e biológicas para discriminação e marginalização social. Compreendemos opressão enquanto um conjunto de atitudes que envolvem também categorias psicológicas, emocionais, culturais e ideológicas, criada pelas sociedades de classes para manter a forma de produção baseada na propriedade privada dos meios de produção e a exploração do homem pelo homem (ExNEEF, 2013, p.33).

“Quem não se veste com nossos sonhos não pode falar em nossos nomes”. O ME possui extrema importância no processo de (re)organização e (re)educação política da juventude brasileira, mesmo todo dia sendo um “7 x 1” diferente, mais violento e mais doloroso. (Re)afirmamos que não queremos o “capitalismo humanizado”, almejamos destruí-lo e superá-lo, nossas lutas são em defesa de “uma educação que nos ajude a pensar, e não que nos ensine a obedecer” e pelo fim dos monopólios de comunicação que definem padrões de beleza e estética, assim como de gênero e sexualidade. Tais superações/(trans)

formações somente se darão/farão através da práxis. É tempo de explodir, de romper as cascas dos casulos e criar/bater asas. Sejamos xs coveirxs enterrando a estrutura **opressora** contemporânea.

5. Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

ExNEEF, Executiva Nacional de Estudantes de Educação Física. **Cadernos de Debates**. 1994 – 2018. Disponível <bit.ly/cadexneef> Último acesso em: 23/04/2021.

FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade I: a vontade do saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RODRIGUES, Alexsandro; DALLAPICULA, Catarina; FERREIRA, Sérgio Rodrigues da S. **Transposições: Lugares e fronteiras em sexualidade e educação**. Dados eletrônicos. Vitória: EDUEFS, 2015.